

O CUIDADO DE SI COMO PRINCÍPIO ÉTICO DO TRABALHO EM ENFERMAGEM

THE CARE OF ONESELF AS AN ETHICAL PRINCIPLE OF NURSING'S WORK
EL CUIDADO DE SÍ COMO UN PRINCIPIO ÉTICO DEL TRABAJO EN ENFERMERÍA.

Águeda Lenita Pereira Wendhausen¹, Soledad Rivera²

¹ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Mestrado Profissionalizante em Saúde da Universidade do Vale do Itajaí/Itajaí-SC. Docente nas disciplinas de Saúde Coletiva e Filosofia e Saúde na Universidade do Vale do Itajaí.

² Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Saúde Pública. Professora da Universidade Católica do Chile. Coordenadora da Área Clínica do Mestrado em Enfermagem. Escola de Enfermagem da PUC. Chile.

PALAVRAS-CHAVE:

Ética. Filosofia em enfermagem. Recursos humanos de enfermagem.

RESUMO: A partir do entendimento de que o ato de cuidar e o trabalho de enfermagem são essencialmente humanos, procuramos problematizá-los na atualidade. A fragmentação do conhecimento na área da saúde e da enfermagem tem sido fator de desumanização do cuidado e do processo de trabalho de cuidar. Foucault, através dos estudos sobre a governabilidade, possibilita a compreensão das bases que nos constituem em agentes morais. Daí decorre como fazemos nossas escolhas e sobre o que pautamos nossos valores. É possível pensar o cuidado de enfermagem e o trabalho desta categoria profissional como um processo a ser (re) significado, tendo como referência a ética que toma a estética da existência como proposta cotidiana. Neste sentido, o cuidado de si, o compartilhamento grupal e a ética solidária podem ser pontos de partida para a retomada do valor de nossas escolhas profissionais, resgatando a humanidade nelas contida.

KEYWORDS:

Ethics. Nursing philosophy. Nursing staff .

ABSTRACT: Based on the understanding that the act of care and work are essentially human in nature, we seek to discuss them within the current context. The fragmentation of knowledge in the area of nursing has been the source of de-humanization of care and the care-giving processes. Through studies in governability, Foucault enables the understanding of the bases that make us moral agents. These bases lead us to our choices and to what we use to guide our values. It is possible to think of nursing care and of the work of this professional category as a process that needs to be re-signified through ethics that use the aesthetics of existence as its everyday proposal. In this sense, the care of oneself, the sharing within groups and mutual ethics can be the starting points for reconstructing the value of our professional choices, restoring their human nature.

PALABRAS CLAVE:

Ética. Filosofía en enfermería. Personal de enfermería.

RESUMEN: A partir del entendimiento de que el acto de cuidar y el trabajo de enfermería son esencialmente humanos, buscamos problematizarlos en la actualidad. La fragmentación del conocimiento, en el área de enfermería y de la salud, ha sido un factor de deshumanización del cuidado y del proceso de trabajo de cuidar. Foucault a través de los estudios sobre la gobernabilidad nos posibilita la comprensión de las bases que nos constituyen en agentes morales. De ahí, deriva, como hacemos nuestras elecciones y sobre que pautamos nuestros valores. Es posible pensar el cuidado de enfermería y el trabajo de esta categoría profesional como un proceso a ser (re)significado teniendo como referencia una ética que tome la estética de la existencia como propuesta cotidiana. En este sentido, el cuidado de si mismo, el compartir en grupo y la ética solidaria pueden ser puntos de partida para la retomada del valor de nuestras elecciones profesionales, rescatando la humanidad que estas contienen.

Endereço:

Águeda Lenita Pereira Wendhausen
Caixa Postal, 551
88301-970 - Centro, Itajaí, SC
E-mail: agueda@univali.com.br

Artigo original: Reflexão

Recebido em: 15 de agosto de 2004
Aprovação final: 20 de dezembro de 2004

INTRODUÇÃO

O convite que fazemos aos leitores é o de refletir sobre a crescente desumanização do trabalho da enfermagem e a possibilidade de resgate da humanidade nele contido. Para tanto, utilizamos parte do referencial teórico da obra de Michel Foucault, em que estuda a construção do si mesmo e como podem se dar nossas escolhas morais. A partir daí vislumbramos algumas saídas para (re)significar nossa prática a partir da estética da existência.¹

Ao longo de sua obra Michel Foucault nos mostra que o que agora nos parece tão natural e óbvio, não terá sido sempre assim. A história foi construída por homens, que, por sua vez construíram as verdades que os construíram. Portanto, a reflexão, tendo como referência a história, permite desvelar os processos de racionalização encobertos, possibilitando nos opormos a tudo que seja submissão. Permite que nos situemos historicamente e, ao mesmo tempo, possamos buscar soluções para os problemas presentes, elementos fundamentais para empreender um projeto profissional conjunto e transformador em relação às atuais condições de trabalho na enfermagem.

Inicialmente faz-se necessário tecer algumas considerações histórico-filosóficas e conceituais sobre as origens do “cuidado” e do “trabalho”.

O cuidado e o trabalho como atributos do modo de ser humano

O cuidado é um modo de ser fundamental de todo ser humano. Não se pode pensar e falar do cuidado como algo independente de nós. Não temos cuidado, somos cuidado. Sem cuidado deixamos de ser humanos, da mesma forma que sem trabalho não o somos.²

A palavra cuidado tem duas derivações: uma do latim advindo de cura – que expressa atitude de cuidado, desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação; outra derivada de *cogitare-cogitatus* e de sua corruptela: *coyedar, coidar*, cuidar, que tem o mesmo significado de cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar atitude de desvelo e de preocupação. Cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Nesta perspectiva, cuidar, mais que um ato, é uma atitude. Para acontecer o cuidado é preciso nos apropriemos (nos responsabilizemos pelo) do outro, seja ele uma pessoa, objeto ou animal.²

Quando retomamos os motivos de nossa opção profissional pela enfermagem, vamos constatar que muitos deles tais como: “querer fazer algo pelas pessoas”, “gostar de gente”, “gostar de cuidar das pessoas”, “querer ajudar”, etc., estão relacionados com os aspectos humanos do cuidar, muitas vezes considerados menos valorosos por muitos profissionais. Portanto, neste resgate de nossa humanidade é preciso re-significá-los, valorizando-os enquanto mobilização interna do que há de humano em nós.

É importante esclarecer que humanizar o cuidado não significa misturar nossos sentimentos com os dos clientes. Devemos considerar e saber lidar com estes sentimentos de modo terapêutico. Menosprezá-los, sim, pode levar-nos a uma prática reducionista na qual só cabe a dimensão técnica. A competência para cuidar pressupõe, além do saber técnico, saberes ligados ao relacionar-se com o outro. O cuidado é relacional.

Na área da saúde somos todos profissionais do cuidado, o que difere é a forma como expressamos este cuidado. A enfermagem não é nada mais que a profissionalização da capacidade de cuidar, através da aquisição e aplicação de conhecimentos, atitudes e habilidades apropriadas aos papéis prescritos à enfermagem.³

Leininger, antropóloga e enfermeira, pesquisou padrões de cuidar/cuidado em várias culturas.³ Estes incluem ações e atitudes de assistir, apoiar, capacitar, que influenciam o bem-estar ou o estado de saúde dos indivíduos, grupos, instituições, bem como condições humanas gerais, estilos de vida e contexto ambiental. O cuidar e o cuidado constituem comportamentos expressivos e instrumentais.

O trabalho é a atividade que nos caracteriza enquanto humanos. O homem é o único ser vivo capaz de transformar a natureza em um produto que lhe favoreça a existência. A intencionalidade é o que nos diferencia dos outros animais. O trabalho nos constrói enquanto pessoas. Construímos nossa identidade também no modo como nos inserimos no mercado de trabalho. Entretanto, o trabalho tomou tais dimensões no mundo moderno que passa a ser um “peso” em nossas vidas e ao mesmo tempo toma toda nossa vida, em termos de tempo e simbolicamente, na medida que retira quase toda nossa energia.⁴ Além disso, submeteu nossa subjetividade, ou seja, somos coagidos a pensar de determinada maneira e principalmente a não pensar sobre o que fazemos, ou apenas pensar de maneira imediata, pela necessidade imediata. A

isto denominamos alienação. A alienação se dá de várias maneiras, mas principalmente pela fragmentação do trabalho que nos faz perder seu sentido e, conseqüentemente, a dimensão de seu valor.

Um fragmento da poesia de Vinícius de Moraes “O operário em construção”⁵ expressa essa alienação do trabalhador de seu trabalho e, também, a possibilidade de que ele possa vir a compreender o que se passa:

“Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era sua escravidão.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
Garrafa, prato, facão
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção [...]”.

Como esta situação de alienação, colocada na poesia, se expressa na enfermagem?⁵ Como dizíamos, a história da estruturação do trabalho teve como conseqüência sua fragmentação. Na área da saúde ela ocorreu, tanto a partir da divisão das tarefas, na própria área e na equipe de enfermagem, como também, em relação à forma pela qual o processo saúde/doença foi sendo apreendido pelos profissionais de saúde, tornando-se um saber reconhecido, através do qual seus representantes, especialmente o médico, exercem determinados poderes sobre as demais categorias e o usuário. Como conseqüência, trata-se ou cuida-se de

um corpo biológico, dividido em sistemas ou partes e ainda dividido entre vários profissionais do cuidado: médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, etc. Este cuidado acaba sendo autoritário na medida em que se torna poder sobre os corpos e sobre as pessoas.

A fragmentação com o conseqüente “esvaziamento do significado de seus conteúdos, é uma determinante de desqualificação para a enfermagem, quer seja de uma atividade predominantemente física, quer seja de uma atividade predominantemente mental”.^{4:35} Em pesquisa sobre como se dava a formação moral das enfermeiras, evidenciou-se a sujeição de profissionais e futuras profissionais ao controle externo e à vontade do outro como decisivo no encaminhamento das tomadas de decisões, do que e de como fazer.⁶

Pensando especificamente na área da saúde, há, ainda, um outro aspecto que nos leva à alienação. Embora, também, se constitua em mercadoria, o trabalho em saúde difere de outros tipos de trabalho, como o industrial, por exemplo. O trabalho em saúde é um serviço e como tal, se caracteriza pelo fato de que o ato de produzir se confunde com ato de consumo. Disto decorre que é difícil visualizar o produto do trabalho em saúde e, conseqüentemente, seu valor. Acrescenta-se a isso o reforço social de que há desvalor em determinados trabalhos que qualquer um poderia fazer, como é o caso dos realizados pela enfermagem, principalmente aqueles que incluem manuseio do corpo ou que são realizados próximos ao corpo. Além disso, a evolução histórica da profissão associa o cuidado à caridade, sendo concebido como um trabalho imensurável, tanto em valor social, quanto financeiro.⁴

A autodesvalorização de nosso trabalho levamos a desconsiderar que se pode cuidar sem tratar, mas não se pode tratar sem cuidar. E, como vimos no início deste texto, é o cuidado que nos caracteriza enquanto humanos. A modernidade levou o homem a acreditar que a tecnologia tudo pode, entretanto convivemos, hoje, com uma grande necessidade de retorno ao cuidado, pois esquecemos de nós como seres de relação e de cuidado.⁴ Descuidamos da própria vida no planeta, o que está posto em risco nossa sobrevivência. Algumas expressões disso são, por exemplo, as 250 milhões de crianças que trabalham no mundo, os 25 milhões de excluídos no Brasil, o descuido com os idosos, com a solidariedade, com as relações, com a natureza, o descuido pelo que é público.²

Faz-se necessário e urgente repensar nosso tra-

balho; primeiro, reapropriando-nos de seu valor; segundo, criando uma identidade positiva com aquilo que fazemos e, finalmente, criando uma nova organização dos fazeres, resgatando em nós o sentido do trabalho e sua possibilidade de realização e, portanto, de humanização. As possibilidades, tanto de reflexão, como de encaminhamentos práticos seriam imensas. Nossa proposta é trazer uma delas, mais especificamente, na linha reflexiva: a de compreendermos as bases que nos constituem em agentes morais, enquanto pessoas e profissionais, pois daí decorre o como fazemos nossas escolhas e sobre o que pautamos nossos valores.

A ÉTICA COMO BASE PARA UMA EXISTÊNCIA PROFISSIONAL ESTÉTICA

Na última parte de sua obra, Foucault estuda a possibilidade de tornar a vida uma obra de arte (estética da existência).⁷⁻¹⁰ Encarar a vida de modo estético seria vê-la como uma matéria prima, sobre a qual vamos imprimindo formas, esculpindo contornos, tal como um artista ao fazer uma obra. A busca da humanização em nosso trabalho poderia partir da construção de uma existência estética da enfermagem, em outras palavras de uma bela existência, uma existência da qual nos orgulharíamos e com a qual nos identificaríamos.

Por quê esta opção? Como vimos, as condições sobre as quais se construíram e se constroem nossa identidade profissional são adversas. A fragmentação imposta ao nosso trabalho de diversas formas, bem como as condições práticas de nosso cotidiano, nos fazem perder o sentido do que fazemos, compelindo-nos a simplesmente realizar aquilo que nos é imposto. Neste sentido alguns questionamentos podem nos fazer retomar alguns temas. Os motivos que nos mobilizaram a escolher esta profissão continuam sendo importantes para nós? Onde ficou a possibilidade de fazer a enfermagem que sonhávamos realizar, quando optamos por esta profissão ou enquanto éramos estudantes?

Encarar esta opção de lidar com o trabalho como uma obra de arte, tendo como base a ética, para uma possível via de criação e recriação em relação ao nosso trabalho, poderia nos devolver o sentido de realização no trabalho e transformar nosso trabalho em algo prazeroso, fonte de vida e felicidade. Não queremos apenas sobreviver como os demais

animais, mas queremos ser felizes e, na verdade, é isto que nos mobiliza.¹¹

Para esculpir a vida que sonhamos, que projetamos, é preciso fazer escolhas, para as quais é preciso ter liberdade. Dar forma à vida é uma tarefa ética no sentido de que é preciso escolher entre o que é belo (bom) e o que não é; para isso é preciso exercer a liberdade.

Antes mesmo de Foucault, outros autores, como Nietzsche, apresentaram esta possibilidade de vivermos como artistas, mostrando que a moral é o sistema de valores dominantes que sustentam a nossa vida e que normalmente estes valores são apresentados como universais (válidos para qualquer época e lugar). Entretanto, estes valores possuíam uma raiz histórica; a afirmação do que é o bem e do que é o mal, são impostas por quem detém o poder de verdade.¹¹

Tendo em vista que as verdades estão, pois, ligadas a um sistema de poder, o grande objetivo do presente é fazer com que o fenômeno da dominação (do fascismo) não se repita, para o que é necessária uma atitude ética que questione a política e a moral dominantes.¹² Ou seja, é preciso libertar a verdade de todo sistema de poder.

Trazendo tal preocupação para nosso âmbito específico, poderíamos começar perguntando, que valores morais embasam as escolhas profissionais da enfermagem? Que verdades se tornaram inquestionáveis e nos aprisionaram a ponto de nos tornarmos submetidas? A partir de que valores decidimos o que decidimos, em relação a como trabalhamos, com quem e qual a finalidade de nosso trabalho? A partir de que valores decidimos o que é ou não valoroso em nosso trabalho? Afinal, qual é o *ethos* que perpassa nossas decisões, a moral que regula nossas ações e nossas escolhas?

Há uma relação entre liberdade (possibilidade de escolha) e poder, que é preciso esclarecer. Foucault diferencia relações de dominação e relações de poder. As relações de poder excluem as ações de violência – que agem diretamente sobre o corpo, submetendo-o, quebrando, fechando todas as possibilidades de resistência – e se definem como “um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas [...] sobre sua própria ação”. Ao contrário de uma relação de dominação/violência, a relação de poder se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis: “que o outro (aquele sobre o qual a ação se

exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis”.^{13;243}

Sendo o poder um conjunto de ações sobre ações possíveis, ele opera no campo das possibilidades, onde se inscreve o comportamento de pessoas ativas, por isso é menos da ordem do afrontamento e mais da ordem do governo. Governar, neste sentido é estruturar o campo de ação dos outros, para o que se faz necessário seu consentimento.¹³

Esta noção de poder, enquanto governo dos homens uns pelos outros, só é possível entre ‘sujeitos livres’, ou seja, sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades, onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Portanto, poder e liberdade coexistem, são inseparáveis, a liberdade, ou pelo menos uma certa liberdade, é necessária para que o poder se exerça.¹⁴

Trazendo a questão para o âmbito de nosso cotidiano, exercer o poder seria a possibilidade de agir de modo inusitado em situações em que nos impõem uma resposta *a priori*. E, justamente, por nos constituirmos humanos esta é uma possibilidade plausível, embora não seja o que comumente acontece. Quem de nós já não experimentou o silêncio do assentimento, associado à rebeldia da não “obediência”? Nesta situação, embora em silêncio, estamos exercendo o poder na medida em que nos rebelamos e isto se expressa na desobediência, embora possamos criar formas mais articuladas e estratégicas de exercê-lo.

Diante da possibilidade de exercermos o poder das mais diferentes maneiras, Foucault, traz materiais para fundamentar uma nova estética da existência, que permita responder qual é nossa relação com a ética que pode nos tornar livres (autônomos), que nos permitiria exercer (bem, esteticamente) o poder, ou seja exercê-lo de modo que transite, que não se torne fixo. Uma ética que, em última análise, impediria a fixação das relações de poder, tornando-as dominação. Neste sentido a ética é inseparável da forma como o indivíduo se dá, da escolha de si mesmo, para não ser submisso à norma e às convenções.¹

O problema da liberdade concerne ao que somos, ao que fazemos e a como nos percebemos; tem a ver diretamente com nossos comportamentos e sen-

timentos. Tem a ver com o modo como exercemos o poder e de como este gera poder e vice-versa.

Constituir-se em sujeito que governa implica que alguém se haja constituído em sujeito que se ocupa de si, que cuida de si.¹⁵ O cuidado de si a que nos referimos é o modo como nos ocupamos de nós mesmos. Pode se constituir nos momentos de “parada para pensar”, para examinar o que fizemos, porque fizemos, rever nosso passado, enfim, ficar face a face com nós mesmos.

Mas este não pode ser um exercício de solidão. Este diálogo conosco pressupõe uma articulação com o outro, seja este outro um professor, um amigo, um usuário, um autor que tenha lido. O outro, ou os outros, em determinados momentos estarão presentes fisicamente, em outros, estarão presentes dentro de nós. Portanto, uma das condições para nos cuidarmos, é estar em conexão conosco e com os outros.

Para compreensão desse cuidado de si como prática de liberdade, Foucault estudou os jogos de verdade na relação de si para si e a constituição de si mesmo como sujeito, em diferentes momentos da história, quando este cuidado teve diferentes significados e práticas.

O DESENVOLVIMENTO DO CUIDADO DE SI PARA OS GREGOS E PARA OS CRISTÃOS

Foucault¹⁰ traça o desenvolvimento do cuidado de si, descrevendo as práticas de si em dois contextos históricos diferenciados: 1) a filosofia greco-romana nos dois primeiros séculos a.C.; 2) a espiritualidade cristã e os princípios monásticos desenvolvidos no 4º e 5º séculos d.C.

Resumidamente, através de seus estudos podemos constatar que cuidar de si/cultivar a liberdade, na civilização grega, tem uma conotação bem diferente da que é assumida mais tarde na era cristã e que, para Foucault, é a que perdura até nossos dias.

A liberdade no pensamento grego, não é simplesmente refletida como a independência de toda a cidade. A liberdade que convém instaurar e preservar é aquela dos cidadãos no seu conjunto, mas é, também, para cada um, uma certa forma de relação do indivíduo para consigo. A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade, no que diz respeito aos

seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade.¹⁰

A relação consigo mesmo, nos gregos, remete ao conceito de memória e justifica o diálogo como método para descobrir a verdade. A relação consigo mesmo, nesta cultura, passa pelo exame de consciência. Mas, aqui, o exame significa a aquisição de um bem. A regra é um método para fazer algo corretamente, sem julgar o que ocorreu no passado. Este é um ponto de vista administrativo sobre a própria vida, no sentido de que cada um é um administrador de si mesmo, e não um juiz de seu passado. Não se trata de descobrir a verdade no sujeito, mas de recordar a verdade, de retomar a verdade que foi esquecida. O sujeito não esquece de si mesmo, nem de sua natureza, sua origem ou sua afinidade sobrenatural, mas recupera as regras de conduta, o que deveria ter feito. A lembrança dos erros cometidos durante o dia permite medir a diferença entre o que fez e o que deveria ter feito. O sujeito não é o ponto de partida do processo de deciframento, mas o ponto onde as regras de conduta se reagrupam na memória. O sujeito constitui a intersecção entre os atos que serão regulados e as regras sobre o que fazer.

Para os gregos, não se pode constituir como sujeito moral, sem constituir-se, ao mesmo tempo, como sujeito do conhecimento. Entretanto, essa relação com a verdade, com o conhecimento do que é verdadeiro (justo, correto, bom) jamais assume a forma de uma decifração de si mesmo, de uma interpretação do desejo como sendo pecado ou não, como acontecerá posteriormente na espiritualidade cristã.⁸

No cristianismo conhecer-se a si mesmo significa decifrar o desejo, para negá-lo totalmente. Saber quem é no cristianismo significa saber o que está se passando dentro de si, admitir as faltas, reconhecer as tentações, localizar os desejos e revelar estas coisas a Deus ou à comunidade, portanto admitir o testemunho público ou privado sobre si.

Podemos, assim, assinalar algumas das rupturas que marcam estas duas formas de cuidar de si – a dos gregos e a dos cristãos. Para os cristãos, uma das maneiras de decifrar a verdade sobre si era o reconhecimento público de que eram cristãos ou tinham o sentido penitencial. Este último consistia em um ritual de reconhecimento de si mesmo como pecador e penitente, ou seja, provar o sofrimento, demonstrar a vergonha, fazer visível a humildade, mediante pessoas que reconheçam este ritual. Aí já se situa a primeira diferença entre os gregos e os cristãos: para os primeiros, o exame de consciência era algo completamente privado.

Para os gregos a relação com o mestre é instrumental e profissional, de modo a guiar o discípulo para uma vida feliz e autônoma. Para o cristianismo a obediência deve abarcar todos os aspectos da vida, sendo um controle completo da conduta por parte do mestre e não um estado final de autonomia. É um sacrifício de si, do desejo próprio do sujeito. Não é a dominação perfeita de si por si (como nos gregos) que caracterizará o sujeito moral, mas sim a renúncia de si e uma pureza, cujo modelo deve ser buscado ao lado da virgindade.⁸

No quadro a seguir, tentamos sintetizar e esquematizar o que falamos até agora sobre a diferença entre o cuidado de si para os gregos e para os cristãos:

GREGOS	CRISTÃOS (modelo pastoral)
Exame de consciência: recordar a verdade que foi esquecida.	Exame de consciência: descobrir a verdade.
Exame de consciência privado.	Exame de consciência público.
Sujeito é o ponto de intersecção onde as regras se reagrupam na memória.	Sujeito é o ponto de partida do processo de deciframento – pastor dá o veredicto.
Sujeito refere à verdade a si mesmo.	Incorporação da verdade como sua.
Objetivo de conhecer-se: buscar a verdade em relação com o “si mesmo”.	Objetivo de conhecer-se: buscar a verdade através da ruptura e dissociação violentas.
Relação com o mestre instrumental e profissional; leva a autonomia.	Obediência ao mestre leva à heteronomia, sacrifício de si.
Afirmação do desejo.	Negação do desejo.

Quadro 1 - Diferença entre o cuidado de si para os gregos e para os cristãos

As técnicas cristãs são integradas de diversos modos à racionalidade do Estado moderno, que atualiza o modelo pastoral e o dissemina em toda a rede de poder. O mestre a quem se deve uma obediência confessional, passa a ser o Estado de modo direto ou representado em instituições ou seus representantes, como por exemplo, a medicina (e o médico), a escola (e o professor), o hospital (e o médico), a família (e o pai), etc.

Em troca da proteção de quem possui a autoridade entregamos nossa vida (renúncia a si mesmo, mortificação) no sentido de que a subjetividade doravante passa a ser submetida aos ditames de quem está autorizado a dizer verdades: a verdade da saúde ou da doença, verdade do que devemos fazer e como devemos proceder em nosso trabalho, a verdade do que tem ou não valor, etc.

É necessário, pois, que resgatemos aspectos do “cuidado de si” que nos levem a questionar estas verdades que nos foram impostas e que nos fizeram perder o sentido do nosso trabalho. Esta volta ao que nos mobiliza, o contato com o nosso desejo, pode nos dar o impulso necessário para re-criar o que não nos satisfaz – por exemplo, nossas condições de trabalho; a forma autoritária e desumana com que realizamos nosso trabalho, sem nem mesmo sabê-lo de modo consciente, a fragmentação do trabalho.

A liberdade que podemos, aos poucos, nos outorgar, tem a ver, também, com a busca do conhecimento e da própria verdade, ainda que isto sempre se dê em referência ao outro. Por isso, alguém não pode constituir-se em sujeito moral sem constituir-se ao mesmo tempo como sujeito do conhecimento. Conhecimento aqui entendido como a busca da instrumentalização – não só técnica, mas política - que pode levar a uma compreensão crescente do contexto em que vivemos e de possíveis intervenções a serem forjadas. É esta esfera da busca da verdade baseada na discussão e no diálogo (consigo e com os outros), que para os gregos é a esfera do propriamente humano.¹⁶

Se considerarmos as relações de poder móveis, transitivas, decorre daí a necessidade desse retorno à ética. Somente um sujeito reflexivo poderia jogar o jogo do poder com maior liberdade de movimentos, a ponto de *agir* de modo inusitado, modificando suas regras, chegando mesmo a invertê-lo, em determinados momentos.

No entanto, sobre que princípios éticos po-

deria assentar-se o indivíduo para tentar mobilizar mais as relações de poder que estão fixadas? Em outras palavras, que ética poderia constituir um sujeito que modifique as relações de poder assimétricas, tornando-as relações entre iguais? Enfim, que ética poderia fundamentar a liberdade individual contra a dominação?

VISLUMBRANDO ALGUMAS SAÍDAS PARA A HUMANIZAÇÃO DA ENFERMAGEM

Foucault, inspirado nos gregos, vislumbrou a continuidade entre o governo dos outros e o governo de si mesmo.¹⁵ Neste sentido propõe que antes que cuidemos dos outros aprendamos a cuidar de nós mesmos. Considera ético, em si mesmo, o cuidado de si, na medida em que este *ethos* de liberdade é também uma maneira de ocupar-se dos outros. Isto é, uma arte de governar em que o saber cuidar de si converte a quem o possui em alguém capaz de ocupar-se de si na cidade, na comunidade e nas relações interindividuais.

O cuidado de si é eticamente o primeiro, implica buscar a verdade e é o que permite uma conversação com o poder, uma maneira de controlá-lo e delimitá-lo, pois é justamente o poder sobre si mesmo que vai regular o poder sobre os outros.

Essa relação com a verdade constitutiva do sujeito ético conduz ao que Foucault chama de “estética da existência”, em que a liberdade adota um *ethos*, que seja bom, que possa servir de exemplo.^{15:115} A “estética da existência” seria uma maneira de viver em que o valor moral, “não está em conformidade a um código de comportamento [...], mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais [...], na distribuição que deles faz, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita”.^{8:82}

A noção de “estética da existência” considera a ética como uma arte de viver de tal modo a estabelecer uma relação sólida consigo mesmo e em chegar a tomar decisões pessoais, em oposição à renúncia às escolhas pessoais, deixando que outrem dite o que se deve fazer. Essa postura ético-reflexiva poderia impedir que as relações de poder se fixassem, se tornando algo permanente. O diálogo - entendido aqui no sentido de um diálogo consigo mesmo e com o outro - seria condição *sine qua non* para o estabelecimento de novas relações de poder.

A questão da escolha implica em fazer uso da

inteligência já que não se dispõe de parâmetros absolutamente seguros a partir dos quais se possa tomar uma decisão. Algumas características do conceito dessa estética da existência são:¹

1) uma sensibilidade afinada ao que realmente importa, aliada a uma capacidade de percepção e reflexão estética, que vai além do domínio privado: trata-se de uma sensibilidade política a tudo que é intolerável, inaceitável;

2) implica o desenvolvimento de uma capacidade de julgamento, apoiada na sensibilidade e em constante reconstrução no curso das discussões e das trocas contidas nos critérios de escolha;

3) a escolha repousa na capacidade de julgamento que resulta da comunicação e do enfrentamento com os outros;

4) em última instância, a “estética da existência” não consiste nulamente numa relação consigo mesmo; é, ao contrário, a relação com o outro que é constituído o sujeito dessa ética

Foucault¹⁵ conceptualiza este cuidado de si, de modo a tornar-se a busca, não de uma autonomia solitária, mas, solidária. A prática reflexiva da liberdade poderia ser a condição para transformar nosso trabalho não só em algo humano para nós profissionais de enfermagem, mas para o usuário a quem assistimos. Estaríamos desta forma exercendo efetivamente a arte de cuidar.

Já que uma estética da existência pressupõe uma atitude ética solidária, uma das saídas para nos fortalecer como cuidadores poderia ser pensada a partir do fortalecimento das relações no âmbito coletivo. Estar em grupo é uma das necessidades humanas. É no grupo que experimentamos o sentimento de pertencer, de fazer parte, de nos sentirmos incluídos, questões fundamentais para o reforço de nossa identidade individual e coletiva e para as práticas de liberdade no nível micro. As relações grupais podem ser a via de realização de sonhos individuais e coletivos. Evidentemente o grupo por si não garante a solidariedade, que vai sendo construída na rede de apoio e num pensar coletivo contínuo que leva em conta os princípios estabelecidos pelo próprio grupo.

Esse coletivo a que nos referimos não se constitui em algo distante; ele acontece no aqui e agora de nosso cotidiano, em meio aos conflitos e à adversidade. Por exemplo, conseguirmos organizar ou estar em um evento de Enfermagem ou de saúde é uma das formas de pensarmos coletivamente nosso trabalho, trazendo a singularidade de cada experiência; é o cui-

dado de si na forma de diálogo com nossos pares. Estamos propriamente cuidando de nossa humanização quando forjamos este espaço, a despeito de todas as dificuldades para realizá-lo.

Podemos nos cuidar em grupo quando reunimos a equipe de enfermagem ou a equipe dos diversos profissionais de saúde, para repensar nosso próprio trabalho, a partir não só da perspectiva do que nos é exigido, mas do que consideramos necessário e pertinente como grupo, como sujeitos que têm diante de si um leque de escolhas em relação ao que consideram um bom (e prazeroso) trabalho.

Podemos, ainda, criar grupos que tenham como objetivo primordial o experimento de novas formas de relacionar-se, de restaurar as forças físicas e psicológicas para o trabalho, enfim de reforçar-se enquanto identidade profissional, tanto individual, quanto coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho e o cuidado têm suas raízes no modo de ser humano. Entretanto, o parcelamento das ações e saberes, que é também próprio do humano, pode levar à alienação do homem em relação aquilo que cria e transforma, tornando-se ele mesmo e o resultado de sua ação, desumanizados. Um passeio histórico sobre o desenvolvimento do cuidado de si nos gregos e cristãos faz-nos compreender a relação entre saber-verdade-poder-liberdade. Esta pode ser a chave para a enfermagem na busca de uma estética da existência em consonância com princípios éticos solidários, cujo princípio é o cuidado de si, tomando outro como referência para a reflexão-ação. Cabe a nós como enfermagem forjar espaços que nos permitam desvincular determinadas verdades e poderes que nos foram impostos ao longo do tempo, tornando-nos alienadas e desumanizadas em nosso trabalho. O importante é que estes espaços possam servir como resistência ao ethos burocratizante, homogeneizador, ao “rolo compressor” que passa sobre nós diariamente.

A convivência grupal pode constituir-se, tanto em alternativa para o cultivo dessa atitude, como servir de reforço na busca desta utopia. Podem ser grupos de estudo, de festas, de associações, o importante é que, além de terem alguns objetivos comuns, tenham espaços para que possamos “ser” – ser nós mesmos, com sonhos, esperança, queixas e projetos de realização. É preciso empoderarmo-nos em nível individual e coletivo e a experiência prazerosa dessas constru-

ções pode nos dar um novo referencial para seguir adiante.

REFERÊNCIAS

- 1 Schmid W. De l'éthique comme esthétique de l'existence. *Mag Litt.* 1994; (309): 36-9.
- 2 Boff L. Saber cuidar. São Paulo: Vozes; 1999.
- 3 Waldoff VR, Lopes MJM, Meyer DE. Maneiras de Cuidar maneiras de ensinar a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
- 4 Lunardi Filho W, Leopardi MT. O trabalho da enfermagem sua inserção na estrutura do trabalho geral. Rio Grande: FURG; 1999.
- 5 Moraes V. O operário em construção. *Espaço Acadêmico.* 2003; (24) 3. Available from: <http://www.espaçoacademico.com.br>.
- 6 Lunardi V. Ampliando a compreensão do conceito de autonomia. *Texto Contexto Enferm.* 1997 Set-Dez;10 (3): 304-13.
- 7 Foucault M. História da sexualidade a vontade de saber, 12a ed. Rio de Janeiro: Graal; 1997.
- 8 Foucault M. História da sexualidade o uso dos prazeres. 7a ed. Rio de Janeiro: Graal; 1994. v.2.
- 9 Foucault M. História da sexualidade O cuidado de si. 3a ed. Rio de Janeiro: Graal; 1985. v.3.
- 10 Foucault M. Tecnologias del Yo. 2a ed. Barcelona: Paidós Ibérica; 1995.
- 11 Gallo S, organizador. Ética e cidadania caminhos da filosofia. 6a ed. Campinas: Papirus; 2000.
- 12 Álvarez-Uría F. La question del sujeto. In: Foucault M. *Hermenêutica del sujeto.* Madrid: La Piqueta; 1987. p. 7-31.
- 13 Foucault M. O sujeito e o poder. In: Dreyfus H, Rabinow P, Michel Foucault uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica, Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995. p. 231-49.
- 14 Dreyfus H, Rabinow P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995.
- 15 Foucault M. *Hermenêutica del sujeto.* Madrid: La Piqueta; 1987.
- 16 Caponi S. La ciencia y la condición humana. *Trans/Form/Ação.* 1996; (19):103-14.